

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

OUTUBRO DE 1869

Nº 10

Questões e Problemas

EXPIAÇÕES COLETIVAS⁴⁰

(OBRAS PÓSTUMAS)

Questão – *O Espiritismo explica perfeitamente a causa dos sofrimentos individuais, como conseqüências imediatas das faltas cometidas na existência precedente, ou como expiação do passado; mas, uma vez que cada um só é responsável pelas suas próprias faltas, não se explicam satisfatoriamente as desgraças coletivas que atingem as aglomerações de indivíduos, às vezes, uma família inteira, toda uma cidade, toda uma nação, toda uma raça, e que se abatem tanto sobre os bons, como sobre os maus, assim sobre os inocentes, como sobre os culpados.*

Resposta – Todas as leis que regem o Universo, sejam físicas ou morais, materiais ou intelectuais, foram descobertas, estudadas, compreendidas, partindo-se do estudo da individualidade e do da família para o de todo o conjunto, generalizando-as gradualmente e comprovando-se-lhes a universalidade dos resultados.

40 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

Outro tanto se verifica hoje com relação às leis que o estudo do Espiritismo dá a conhecer. Podem aplicar-se, sem medo de errar, as leis que regem o indivíduo à família, à nação, às raças, ao conjunto dos habitantes dos mundos, os quais formam individualidades coletivas. Há as faltas do indivíduo, as da família, as da nação; e cada uma, qualquer que seja o seu caráter, se expia em virtude da mesma lei. O algoz, relativamente à sua vítima, quer indo a encontrar-se em sua presença no espaço, quer vivendo em contacto com ela numa ou em muitas existências sucessivas, até à reparação do mal praticado. O mesmo sucede quando se trata de crimes cometidos solidariamente por um certo número de pessoas. As expiações também são solidárias, o que não suprime a expiação simultânea das faltas individuais.

Três caracteres há em todo homem: o do indivíduo, do ser em si mesmo; o do membro da família e, finalmente, o de cidadão. Sob cada uma dessas três faces pode ele ser criminoso e virtuoso, isto é, pode ser virtuoso como pai de família, ao mesmo tempo que criminoso como cidadão e reciprocamente. Daí as situações especiais que para si cria nas suas sucessivas existências.

Salvo alguma exceção, pode-se admitir como regra geral que todos aqueles que numa existência vêm a estar reunidos por uma tarefa comum já viveram juntos para trabalhar com o mesmo objetivo e ainda reunidos se acharão no futuro, até que hajam atingido a meta, isto é, expiado o passado, ou desempenhado a missão que aceitaram.

Graças ao Espiritismo, compreendeis agora a justiça das provações que não decorrem dos atos da vida presente, porque reconheceis que elas são o resgate das dívidas do passado. Por que não haveria de ser assim com relação às provas coletivas? Dizeis que os infortúnios de ordem geral alcançam assim o inocente, como o culpado; mas, não sabeis que o inocente de hoje pode ser o culpado de ontem? Quer ele seja atingido individualmente, quer

coletivamente, é que o mereceu. Depois, como já o dissemos, há as faltas do indivíduo e as do cidadão; a expiação de umas não isenta da expiação das outras, pois que toda dívida tem que ser paga até à última moeda. As virtudes da vida privada diferem das da vida pública. Um, que é excelente cidadão, pode ser péssimo pai de família; outro, que é bom pai de família, probo e honesto em seus negócios, pode ser mau cidadão, ter soprado o fogo da discórdia, oprimido o fraco, manchado as mãos em crimes de lesa-sociedade. Essas faltas coletivas é que são expiadas coletivamente pelos indivíduos que para elas concorreram, os quais se encontram de novo reunidos, para sofrerem juntos a pena de talião, ou para terem ensejo de reparar o mal que praticaram, demonstrando devotamento à causa pública, socorrendo e assistindo aqueles a quem outrora maltrataram. Assim, o que é incompreensível, inconciliável com a justiça de Deus, se torna claro e lógico mediante o conhecimento dessa lei.

A solidariedade, portanto, que é o verdadeiro laço social, não o é apenas para o presente; estende-se ao passado e ao futuro, pois que as mesmas individualidades se reuniram, reúnem e reunirão, para subir juntas a escala do progresso, auxiliando-se mutuamente. Eis aí o que o Espiritismo faz compreensível, por meio da equitativa lei da reencarnação e da continuidade das relações entre os mesmos seres.

Clélie Duplantier

Observação – Conquanto se subordine aos conhecidos princípios de responsabilidade pelo passado e da continuidade das relações entre os Espíritos, esta comunicação encerra uma idéia de certo modo nova e de grande importância. A distinção que estabelece entre a responsabilidade decorrente das faltas individuais ou coletivas, das da vida privada e da vida pública, explica certos fatos ainda mal conhecidos e mostra de maneira mais precisa a solidariedade existente entre os seres e entre as gerações.

Assim, muitas vezes um indivíduo renasce na mesma família, ou, pelo menos, os membros de uma família renascem juntos para constituir uma família nova noutra posição social, a fim de apertarem os laços de afeição entre si, ou reparar agravos recíprocos. Por considerações de ordem mais geral, a criatura renasce no mesmo meio, na mesma nação, na mesma raça, quer por simpatia, quer para continuar, com os elementos já elaborados, estudos começados, para se aperfeiçoar, prosseguir trabalhos encetados e que a brevidade da vida não lhe permitiu acabar. A reencarnação no mesmo meio é a causa determinante do caráter distintivo dos povos e das raças. Embora se melhorando, os indivíduos conservam o matiz primário, até que o progresso os haja completamente transformado.

Os franceses de hoje são, pois, os do século passado, os da Idade Média, os dos tempos druídicos; são os exatores e as vítimas do feudalismo; os que submeteram outros povos e os que trabalharam pela emancipação deles, que se encontram na França transformada, onde uns expiam, na humilhação, o seu orgulho de raça e onde outros gozam o fruto de seus labores. Quando se consideram todos os crimes desses tempos em que a vida dos homens e a honra das famílias em nenhuma conta eram tidas, em que o fanatismo acendia fogueiras em honra da Divindade; quando se pensa em todos os abusos de poder, em todas as injustiças que se cometiam com desprezo dos mais sagrados direitos, quem pode estar certo de não haver participado mais ou menos de tudo isso e admirar-se de assistir a grandes e terríveis expiações coletivas?

Mas, dessas convulsões sociais, uma melhora sempre resulta; os Espíritos se esclarecem pela experiência; o infortúnio é o estimulante que os impele a procurar um remédio para o mal; na erraticidade, refletem, tomam novas resoluções, e quando voltam, fazem coisa melhor. É assim que, de geração em geração, o progresso se efetua.

Não se pode duvidar de que haja famílias, cidades, nações, raças culpadas, porque, dominadas por instintos de orgulho, de egoísmo, de ambição, de cupidez, enveredam por mau caminho e fazem coletivamente o que um indivíduo faz insuladamente. Uma família se enriquece à custa de outra; um povo subjuga outro povo, levando-lhe a desolação e a ruína; uma raça se esforça por aniquilar outra raça. Essa a razão por que há famílias, povos e raças sobre os quais desce a pena de talião.

“Quem matou com a espada perecerá pela espada”, são palavras do Cristo, palavras que se podem traduzir assim: Aquele que fez correr sangue verá o seu também derramado; aquele que levou o facho do incêndio ao que era de outrem, verá o incêndio ateadado no que lhe pertence; aquele que despojou será despojado; aquele que escraviza e maltrata o fraco será a seu turno escravizado e maltratado, quer se trate de um indivíduo, quer de uma nação, ou de uma raça, porque os membros de uma individualidade coletiva são solidários assim no bem como no mal que em comum praticaram.

Ao passo que o Espiritismo dilata o campo da solidariedade, o materialismo o restringe às mesquinhas proporções da existência do homem, fazendo da mesma solidariedade um dever social sem raízes, sem outra sanção além da boa vontade e do interesse pessoal do momento. É uma simples teoria, simples máxima filosófica, cuja prática nada há que a imponha. Para o Espiritismo, a solidariedade é um fato que assenta numa lei universal da Natureza, que liga todos os seres do passado, do presente e do futuro e a cujas conseqüências ninguém pode subtrair-se. É esta uma coisa que todo homem pode compreender, por menos instruído que seja.

Quando todos os homens compreenderem o Espiritismo, compreenderão também a verdadeira solidariedade e, conseqüentemente, a verdadeira fraternidade. Uma e outra então

deixarão de ser simples deveres circunstanciais, que cada um prega as mais das vezes no seu próprio interesse e não no de outrem. O reinado da solidariedade e da fraternidade será forçosamente o da justiça para todos e o da justiça será o da paz e da harmonia entre os indivíduos, as famílias, os povos e as raças. Virá esse reinado? Duvidar do seu advento seria negar o progresso. Se compararmos a sociedade atual, nas nações civilizadas, com o que era na Idade Média, reconheceremos grande a diferença. Ora, se os homens avançaram até aqui, por que haveriam de parar? Observando-se o percurso que eles hão feito apenas de um século para cá, poder-se-á avaliar o que farão daqui a mais outro século.

As convulsões sociais são revoltas dos Espíritos encarnados contra o mal que os acicata, índice de suas aspirações a esse reino de justiça pelo qual anseiam, sem, todavia, se aperceberem claramente do que querem e dos meios de conseguilo. Por isso é que se movimentam, agitam, tudo subvertem a torto e a direito, criam sistemas, propõem remédios mais ou menos utópicos, cometem mesmo injustiças sem conta, por espírito, ao que dizem, de justiça, esperando que desse movimento saia, porventura, alguma coisa. Mais tarde, definirão melhor suas aspirações e o caminho se lhes aclarará.

Quem quer que desça ao âmago dos princípios do Espiritismo filosófico, que considere os horizontes que ele desvenda, as idéias a que dá origem e os sentimentos que desenvolve, não duvidará da parte preponderante que há de ter na regeneração, pois que, precisamente e pela força das coisas, ele conduz ao objetivo a que a Humanidade aspira: ao reino da justiça, pela extinção dos abusos que lhe hão obstado ao progresso e pela moralização das massas. Se os que sonham com a restauração do passado não entendessem assim, não se aferrariam tanto a esse sonho; deixá-lo-iam morrer tranqüilamente, como há sucedido a muitas utopias. Isto, por si só, deverá dar que pensar a certos zombadores, fazendo-os ponderar que talvez haja aí alguma coisa

mais séria do que imaginam. Mas, há pessoas que de tudo riem, que ririam mesmo de Deus, se o vissem na Terra. Também há os que têm medo de que aos seus olhos se apresente a alma que se obstinam em negar.

Qualquer que seja a influência que um dia o Espiritismo chegue a exercer sobre as sociedades, não se suponha que ele venha a substituir uma aristocracia por outra, nem a impor leis; primeiramente, porque, proclamando o direito absoluto à liberdade de consciência e do livre exame em matéria de fé, quer, como crença, ser livremente aceito, por convicção e não por meio de constrangimento. Pela sua natureza, não pode, nem deve exercer nenhuma pressão. Proscrevendo a fé cega, quer ser compreendido. Para ele, absolutamente não há mistérios, mas uma fé racional, que se baseia em fatos e que deseja a luz. Não repudia nenhuma descoberta da Ciência, dado que a Ciência é a coletânea das leis da Natureza e que, sendo de Deus essas leis, repudiar a Ciência fora repudiar a obra de Deus.

Em segundo lugar, estando a ação do Espiritismo no seu poder moralizador, não pode ele assumir nenhuma forma autocrática, porque então faria o que condena. Sua influência será preponderante, pelas modificações que trará às idéias, às opiniões, aos caracteres, aos costumes dos homens e às relações sociais. E maior será essa influência, pela circunstância de não ser imposta. Forte como filosofia, o Espiritismo só teria que perder, neste século de raciocínio, se se transformasse em poder temporal. Não será ele, portanto, que fará as instituições do mundo regenerado; os homens é que as farão, sob o império das idéias de justiça, de caridade, de fraternidade e de solidariedade, mais bem compreendidas, graças ao Espiritismo.

Essencialmente positivo em suas crenças, ele repele todo misticismo, desde que não se estenda esta denominação, como o fazem os que em nada crêem, à crença em Deus, na alma

e na vida futura. Induz, é certo, os homens a se ocuparem seriamente com a vida espiritual, mas porque essa é a vida normal, sendo nela que se têm de cumprir os nossos destinos, pois que a vida terrestre é transitória, passageira. Pelas provas que apresenta da realidade da vida espiritual, ensina aos homens a não atribuírem mais que relativa importância às coisas deste mundo, dando-lhes assim força e coragem para suportar com paciência as vicissitudes da vida terrena. Ensina-lhes que, morrendo, não deixam para sempre este mundo; que podem a ele voltar, a fim de aperfeiçoarem sua educação intelectual e moral, a menos que já estejam bastante adiantados para merecerem passar a um mundo melhor; que os trabalhos e progressos que realizem, ou para cuja realização contribuam, lhes aproveitarão, concorrendo para que melhorada se lhes torne a posição futura. Mostra-lhes dessa forma que é de todo o interesse deles não o desprezarem. Se lhes repugna voltar aqui, uma vez que possuem o livre-arbítrio, deles depende o fazerem o que é necessário a se tornarem habitantes de outros orbes; mas, que não se iludam sobre as condições que devem preencher para merecerem uma mudança de residência! Não será por meio de algumas fórmulas, expressas em palavras ou atos, que o conseguirão, sim por efeito de uma reforma séria e radical de suas imperfeições, modificando-se, despojando-se das paixões más, adquirindo dia a dia novas qualidades, ensinando a todos, pelo exemplo, a linha de proceder que levará solidariamente todos os homens à ventura, pela fraternidade, pela tolerância, pelo amor.

A Humanidade se compõe de personalidades, que constituem as existências individuais, e das gerações, que constituem as existências coletivas. Umhas e outras avançam na senda do progresso, por variadas fases de provações que, portanto, são individuais para as pessoas e coletivas para as gerações. Do mesmo modo que, para o encarnado, cada existência é um passo à frente, cada geração marca um grau de progresso para o conjunto. É irresistível esse progresso do conjunto e arrasta as massas, ao mesmo tempo que modifica e transforma em instrumento de

regeneração os erros e prejuízos de um passado que tem de desaparecer. Ora, como as gerações se compõem dos indivíduos que já viveram nas gerações precedentes, segue-se que o progresso delas é a resultante do progresso dos indivíduos.

Mas, quem demonstrará, poderão dizer, a existência de solidariedade entre a geração atual e as que a precederam, ou entre ela e as que lhe sucederão? Como se poderia provar que eu já vivi na Idade Média, por exemplo, e que voltarei a tomar parte nos acontecimentos que se produzirão na sucessão dos tempos?

Nas obras fundamentais da Doutrina e na *Revista*, o princípio da pluralidade das existências já foi exaustivamente demonstrado, para que ainda nos detivéssemos aqui a demonstrá-lo. Nos fatos da vida cotidiana fervilham provas e uma demonstração quase matemática. Limitamo-nos, pois, a concitar os pensadores a que atentem nas provas morais que decorrem do raciocínio e da indução.

Será, porventura, necessário vejamos uma coisa, para que nela acreditemos? Observando efeitos, não se pode adquirir a certeza material da causa?

Afora a da experiência, a única senda legítima que se abre para a investigação consiste em remontar do efeito à causa. A justiça nos oferece notabilíssimo exemplo desse princípio, quando empreende descobrir os *indícios* dos meios que serviram à perpetração de um crime, as *intenções* que se agregam à culpabilidade do malfeitor. Este não foi apanhado em flagrante e, contudo, é condenado por esses indícios.

A Ciência, que pretende caminhar tão-só pela via da experiência, afirma todos os dias princípios que mais não são do que induções das causas por meio unicamente da observação dos efeitos.

Em geologia determina-se a idade das montanhas. Porventura assistiram os geólogos ao surto delas? Viram formar-se as camadas de sedimento que lhes determinam a idade?

Os conhecimentos astronômicos, físicos e químicos permitem se avaliem o peso dos planetas, suas densidades, seus volumes, a velocidade que os anima, a natureza dos elementos que os compõem; entretanto, os sábios não fizeram experiências diretas e é à analogia e à indução que devemos tão belas e preciosas descobertas.

Os homens de antanho, baseados nos testemunhos de seus sentidos, afirmavam ser o Sol que gira em torno da Terra. No entanto, esse testemunho os enganava e prevaleceu o raciocínio.

O mesmo se dará com os princípios que o Espiritismo sustenta, desde que se disponham a estudá-los, sem prevenções, e, então, a Humanidade entrará, real e rapidamente, numa era de progresso e de regeneração, porque, já não se sentindo isolados entre dois abismos, o desconhecido do passado e a incerteza do porvir, os indivíduos trabalharão com energia por aperfeiçoar e multiplicar os elementos da felicidade que são obra deles, porque reconhecerão que não é devida ao acaso a posição que ocupam no mundo e que eles próprios gozarão, no futuro e em melhores condições, do fruto de seus labores e de suas vigílias. É que o Espiritismo lhes ensinará que, se as faltas coletivamente cometidas são expiadas solidariamente, os progressos realizados em comum são igualmente solidários, princípio em virtude do qual desaparecerão as dissensões de raças, de famílias e de indivíduos e a Humanidade, livre das fraldas da infância, avançará, célere e virilmente, para a conquista de seus verdadeiros destinos.

Allan Kardec

Precursos do Espiritismo

DUPONT DE NEMOURS

Entre os homens que, por seus escritos, prepararam o advento definitivo do Espiritismo, há os que tiraram suas crenças sobre os nossos princípios, da tradição e do ensino, enquanto outros chegaram a essas convicções por suas próprias meditações, com a ajuda da inspiração divina.

Dupont de Nemours, escritor quase esquecido hoje, e cujos trabalhos julgamos um dever assinalar aos nossos leitores, admirador e adepto das doutrinas de Leibnitz, partidário da escola teosófica, foi, certamente, no fim do século passado, um dos mais eminentes precursos dos ensinamentos da Doutrina Espírita atual.

Afirmamos com a mais inteira certeza: seria difícil encontrar, quer entre os seus contemporâneos, quer entre os pensadores de nossa época, um escritor que tenha compreendido melhor, somente pela força do raciocínio, os verdadeiros destinos da alma, sua origem provável, e as condições morais e espirituais de sua existência terrena.

Ninguém melhor do que ele expressou em termos viris e bem sentidos, o papel de Deus no Universo, a harmonia e a justiça infinitas das leis que governam a Criação, a progressão sem limites que rege todos os seres, desde o infusório invisível até ao homem, e do homem até Deus; ninguém apreciou melhor a importância de nossas comunicações com o mundo invisível, nem melhor concebeu a natureza das provações, das recompensas e das expiações humanas. Antes dele, certamente, jamais *a pluralidade das existências foi mais bem afirmada, a necessidade da reencarnação e o esquecimento do passado mais bem estabelecidos*, a vida do espaço mais bem determinada.

Dupont de Nemours considera os animais como irmãos mais novos da Humanidade, como os elos inferiores da cadeia contínua pelos quais o homem teve de passar antes de chegar ao estado humano. Eis aí um pensamento que lhe é comum com o do seu mestre Leibnitz. Esse grande filósofo sustenta a possibilidade, para o Espírito humano, de ter animado os vegetais, depois os animais. Faremos lembrar que não há qualquer analogia entre esse sistema, incessantemente progressivo, e o da metempsicose animal para o futuro, que evidentemente é absurda. Entregamos sem comentário, aos nossos leitores, esta concepção, que se acha nas obras de grande número de filósofos contemporâneos, reservando-nos exprimir mais tarde a nossa opinião a respeito.

Enquanto esperamos, sentimo-nos felizes por ver agregar-se ao volumoso dossiê reunido pelo Sr. Allan Kardec sobre essa interessante questão, as reflexões e as comunicações de que ela poderia ser objeto, quer da parte dos espíritas isolados, quer dos grupos e das sociedades, que julgarem oportuno estudá-la.

As passagens seguintes, extraídas da principal obra de Dupont de Nemours, a *Filosofia do Universo*, dedicada ao célebre químico Lavoisier, provarão melhor do que os mais longos comentários, seus direitos ao reconhecimento e à admiração dos espiritualistas em geral e, mais particularmente, dos espíritas.

Epígrafe: *Nada de nada; nada sem causa; nada que não tenha efeito.*

Página 41 e seguintes: *Não existe acaso.*

“Que seres inteligentes possam ser produzidos por uma causa ininteligente, isto é absurdo; *por acaso*, é uma expressão imaginada para ocultar a ignorância. *Não existe acaso*: nem mesmo nos mais insignificantes acontecimentos, nem mesmo nas chances do jogo. Mas, porque ignoramos as causas, supomos, cremos,

dizemos que há *acaso* e calculamos até mesmo o número de nossas inabilidades *como chances do acaso*, embora essas inabilidades não sejam *acazos*, mas efeitos físicos de causas físicas postas em movimento por uma inteligência pouco esclarecida.

“Que todos os seres inteligentes tenham o poder, mais ou menos considerável, não de desnaturar, mas de arranjar, combinar, modificar as coisas ininteligentes, é o que nos provam todos os nossos trabalhos e os dos *animais, nossos irmãos*.”

“Rejeitamos a palavra e a idéia de *acaso*, como vazias de sentido e indignas da filosofia. Nada acontece, nada pode acontecer senão conformemente às leis.

Teoria do perispírito⁴¹

“Duas espécies de leis físicas nos chocaram: as que comunicam o movimento à matéria inanimada e que são objeto das ciências exatas, e as que lhe imprimem pela vontade os seres inteligentes.

“Pareceu-nos que esta maneira de imprimir o movimento devia ligar-se à extrema expansibilidade de uma matéria muito sutil, e encontramos um exemplo disto na máquina a vapor e na pólvora; mas continua a mesma dificuldade, pois não é mais compreensível que uma inteligência, uma vontade, paixões, tornem expansível a matéria mais sutil como a mais compacta. Entretanto, o fato é constatado com tanta freqüência por cada um dos nossos movimentos, que nos vimos forçados a reconhecer na inteligência esta força, mais ou menos considerável, conforme a organização dos Espíritos que dela são dotados.

Página 51 e seguintes: *Solidariedade; voz interior*.

“Cada boa ação é uma espécie de empréstimo feito ao gênero humano; é um adiantamento, posto num comércio onde

41 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

nem todas as expedições aproveitam, mas onde a maior parte traz retornos mais ou menos vantajosos, de sorte que ninguém as multiplica sem que elas produzam em massa um grande benefício.

“A *consciência* está no âmago do coração humano, o ministro perpétuo do Criador. Ela estabelece *uma alma na alma para julgar a alma*. Parece que há um *nós* que agita e um outro *nós* que decide se o desejo é honesto, se a ação é boa. Nada de felicidade quando eles não estão de acordo, quando o mais impetuoso dos dois deixa de respeitar o melhor e o mais sábio, pois este não perde os seus direitos; pode ceder passageiramente num combate, mas tira sua desforra; nasceu para comandar e finalmente comanda. Pode recompensar, quando os homens oprimem e julgam punir. Pode punir, quando os homens acumulam elogios e multiplicam as recompensas. A sociedade não vê e não deve julgar senão as ações. Além disso, a consciência vê e julga as intenções e os motivos. Faz corar pelo reconhecimento mal adquirido e pela reputação usurpada.

Página 127 e seguintes: *Existência e comunicação dos Espíritos desencarnados*.

“Existem apenas os homens que tenham recebido esse poder protetor das ações honestas e que sejam susceptíveis do sentimento que os excita, que os dirige? Serão os mais engenhosos, os mais nobres, os mais ricos em sensações e em faculdade de todos os cidadãos do Universo, de todos os seres inteligentes criados? *Sim, dos que nos são conhecidos*. Mas, conhecemos todos os seres? Conhecemos ao menos os que habitam nosso globo? Possuímos o sentido que seria necessário para os conhecer? Talvez o orgulho ainda responda *sim*; e será um orgulho insensato.

“Homem, tua visão mergulha abaixo de ti; distingues perfeitamente a gradação ininterrupta estabelecida pelos matizes imperceptíveis, entre todos os animais... O progresso deve parar em ti? Ergue os olhos, és digno deles: pensas, nasceste para pensar.

Ousas comparar a distância assustadora que reconheces entre ti e Deus, com a distância tão pequena que me fez hesitar entre ti e a formiga? Este espaço imenso é vazio?

“Não é, não pode ser; o Universo não tem lacuna. Se está cheio, o que o preenche? Não podemos *sabê-lo*; mas, desde que o lugar existe, nele deve achar-se alguém ou qualquer coisa. Por que não temos nenhum conhecimento evidente desses seres, cuja conveniência, analogia, necessidade no Universo chocam a reflexão, a única que no-os poderia indicar? Desses seres que nos devem superar em perfeição, em faculdades, em força, tanto quanto superamos os animais da última classe e as plantas?... É que nos faltam os órgãos e os sentidos necessários para que a nossa inteligência se comunique com eles, embora eles possam muito bem ter órgãos próprios para nos identificar e influenciar, assim como identificamos e dominamos raças inteiras de animais que nos ignoram, e que não são inferiores a nós senão em pequeníssimo número de sentidos. Que pobreza não ter senão cinco ou seis, e ser apenas homens! Podemos ter dez, cem... e é assim que os mundos abarcam os mundos e que são classificados os *seres inteligentes*.

“O que fazemos pelos *nossos irmãos mais novos* (os animais)... os gênios, os anjos (permiti-me empregar nomes em uso para designar seres que adivinho e que não conheço), esses seres que valem bem mais do que nós, o fazem por nós... Mas não suponhais, entretanto, que trato de *Espíritos puros* os seres que nos são superiores...

“Sabemos perfeitamente que as nossas paixões e a nossa vontade movem nosso corpo por um meio que nos é desconhecido e que parece contrariar fortemente as leis da gravitação, da Física, da Mecânica, etc. Basta isto para compreendermos qual deve ser no mundo e sobre nós a ação das inteligências *sobre-humanas* que podemos conhecer por indução e

pelo raciocínio, em comparação ao que somos com outros animais, mesmo assaz inteligentes, e que não fazem de nós a mínima idéia.

“Não podemos esperar agradar as *inteligências* de grau superior pelos atos que o próprio homem acharia odiosos. Não nos podemos gabar mais de os enganar como os homens, por um exterior hipócrita, que apenas faz tornar o crime mais desprezível. Elas podem assistir às nossas mais secretas ações; podem ser instruídas dos nossos solilóquios e mesmo dos nossos pensamentos não formulados. Ignoramos de quantas maneiras dispõem para ler no nosso coração; nós, cuja miséria, grosseria e inépcia limitam nossos meios de conhecer pelo toque, de ver, ouvir e por vezes analisar, conjecturar. Esta casa, que um célebre romano queria construir, aberta à vista de todos os cidadãos, existe e nela habitamos. Nossos vizinhos são os chefes e os magistrados da grande república, investidos do direito e do poder de recompensar e punir, o que para eles não é um mistério. E os que lhe penetram mais completamente as mínimas variações, as inflexões mais delicadas, são os mais poderosos e os mais sábios.

“Eles jamais nos abandonam; nós os encontramos sobretudo quando estamos sós. Acompanham-nos em viagem, no exílio, na prisão, no calabouço. Adejam em torno de nossa cabeça pensativa e tranqüila. *Podemos interrogá-los*, e toda vez que o tentamos *dir-se-ia* que eles nos respondem. Por que não o fariam? Bem que os nossos amigos nos prestam semelhante serviço, mas só aqueles que nos inspiram um grande respeito.”

Página 161 e seguintes: *Pluralidade das existências*.

“Se o verdadeiro *nós* não encerra senão a nossa *inteligência*, a nossa faculdade de sentir, de raciocinar; se o nosso corpo e os órgãos que o compõem não passam de uma máquina *ao nosso serviço*, isto é, a da inteligência que seria o *nós*; se os limites do poder presente desta inteligência não se devem à sua natureza inteligente, mas apenas ao maior ou menor grau de perfeição da

máquina que lhe foi dada para reagir; se pode aperfeiçoar essa máquina e o partido que dela tira, a tese muda e todas as conseqüências devem mudar.

“Confesso que essa suposição me parece verdadeira e espero vos mostrar antes de terminar este escrito que é a que melhor se harmoniza com as leis gerais, com a ordem eqüitativa e cheia de razão que impera no Universo. Parece-me que o *eu* não é meu braço, nem minha cabeça, nem uma mistura de membros e de espírito, mas o princípio inteligente que caminha por minhas pernas, fere ou trabalha pelos meus braços, combina por minha cabeça, goza ou padece por todos os meus órgãos. Não vejo nestes senão *condutores* adequados para conduzir as sensações e *servidores* para meu uso. Nunca me convencerei de que o *eu* não seja outra coisa senão o que sente, pensa ou raciocina em mim.

“Se não me engano, e se não há outro *Dupont* além daquele que vos ama, onde está a dificuldade, senão quando *sua casa for destruída*? Ele procurará uma nova para a inteligência que lhe restar; ele a solicitará e a receberá, quer dos seres inteligentes que lhe são superiores, quer do Deus remunerador, quer mesmo de alguma lei da Natureza que nos seja desconhecida e que, para animar os corpos dos seres inteligentes superiores, *daria prioridade aos princípios inteligentes que tivessem tido a melhor conduta num corpo de ordem inferior; àquele que fosse o mais elevado, acima do alcance comum dos outros seres inteligentes, atados de pés e mãos como ele, sob os órgãos de um animal da mesma espécie...*”

Página 166 e seguintes: *Origens animais*.

“Talvez haja alguma indução a tirar da admirável semelhança encontrada entre certos homens e certos animais. Quando vejo meus olhos, minha fronte, meu nariz, meu queixo, o pescoço, o lombo, a marcha, as paixões, o caráter, os defeitos, as virtudes, a probidade, o orgulho, a doçura, a cólera, a preguiça, a

vigilância e a teimosia de um cão de raça, não tenho qualquer repugnância em *acreditar* que outrora eu fui um cão leal, singularmente fiel e obediente ao meu dono, caçando maravilhosamente, acariciando os filhos à sua maneira, defendendo as colheitas, guardando o rebanho de dia e a porta à noite, levantando a pata contra os cães fraldiqueiros, valente a ponto de ousar atacar o tigre, com risco de ser por este comido, afrontando o javali e não tendo nenhum medo do lobo. Para essas boas qualidades, turvadas por alguns resmungos, algumas querelas descabidas e algumas carícias inoportunas, a gente se torna o animal que eu sou: em geral muito estimado, amado por algumas pessoas e as amando mais ainda; afinal de contas, muito feliz; inquieto algumas vezes por seus amigos, sensível a esses incidentes como um pobre cão que se chicoteia injustamente.

Esquecimento das existências anteriores

“A lembrança da vida precedente seria um poderoso recurso para a que a segue; alguns seres superiores ao homem, quando estão em marcha gradual de perfeição e de adiantamento ininterrupto, talvez têm essa vantagem como recompensa por sua virtude passada; sem dúvida não pode ser concedida senão aos que ainda são provados e que devem subir a Deus, *começando ou recomçando novamente esta carreira, iniciativa de alta moralidade.*”

Variedades

O ESPÍRITO DE UM CÃO

Reproduzimos, conforme o jornal *Petite Presse* de 23 de abril de 1869, a seguinte anedota a respeito da inteligência dos animais. É um documento a mais a agregar ao volumoso dossiê que o Sr. Allan Kardec nos legou sobre este interessante estudo. Dele

tinha feito objeto de um tratado especial, que se propunha publicar pessoalmente num futuro próximo. Esforçar-nos-emos em complementar suas opiniões em tempo hábil, tão logo nos permitam os trabalhos de toda natureza que nos incumbe realizar. Até lá, seremos gratos aos correspondentes que nos quiserem comunicar suas reflexões pessoais a respeito, ou as comunicações e fatos capazes de nos esclarecerem tão completamente quanto possível, sobre esta criação tão interessante entre todas as obras do Criador.

“Ainda não foi dita a última palavra sobre a inteligência dos cães, escreve ao jornal *Itália* um oficial do exército italiano. Um curioso episódio de roubo à mão armada, cuja exatidão podemos garantir, disso nos forneceu uma nova prova.

“Numa das últimas operações militares destinadas a purgar as províncias napolitanas da pilhagem, o esquadrão do capitão*** se dirigia silenciosamente à noite para um pequeno bosque, que informações muito seguras e precisas indicavam como refúgio habitual de um bando de salteadores.

“Quase ao romper do dia, nossos cavaleiros, que tiveram o cuidado de abafar o ruído de suas armas e os cascos de seus cavalos, se encontravam a pequena distância do local designado quando, de repente, um pequeno cão, evidentemente do bando de malandros e que se mantinha imóvel na entrada do bosque, de olhar inquieto, orelhas empinadas e altivamente postado sobre as patas, pôs-se a latir com todas as suas forças.

“O alerta estava dado; e quando o esquadrão entrou no matagal, traços recentes e irrecusáveis testemunhavam a fuga precipitada e desordenada de uma tropa de bandidos a cavalo.

“O capitão morde o bigode e, num acesso de mau humor fácil de compreender, resmungando entre os dentes, disse: ‘Maldito cão!’, tomou seu revólver e apontou para o infeliz

sentinela dos bandidos, que acompanhava o esquadrão latindo cada vez mais.

“O tiro é dado, o cão rola na poeira, levanta-se para depois cair, soltando gritos plangentes, barriga para cima, patas no ar, rígido, imóvel.

“O esquadrão retoma sua marcha sem grande esperança de rever os assaltantes; mas, ao cabo de um bom quarto de hora, qual não foi a surpresa do capitão ao ver o fantasma do cão, ou, melhor dizendo, o próprio cão, que ele julgava morto e bem morto, em trotes curtos, ao lado do esquadrão, dissimulando-se atrás das árvores e das altas ramagens, espiando a marcha e a direção da tropa, cumprindo até o fim sua missão de sentinela avançada!

“Muito admirado, o capitão o chama; o cão, a despeito da acolhida pouco graciosa que recebera pouco antes, aproxima-se, alegre. Apalpam-no, examinam-no; nem um só arranhão, nem uma mecha de seu pelo queimada ou sequer chamuscada.

“Não restava dúvida: o cão tinha representado uma comédia, com talento e sucesso dignos do maior interesse.

“Sua inteligência, seu jeito manhoso conquistaram a graça dos soldados, que o acariciavam e com ele dividiam suas provisões.

“Apresemos-nos em dizer que ele se mostrou sensível e reconhecido a essas boas maneiras: não mais deixou o esquadrão e se tornou amigo e companheiro dos soldados.

“Além disso, voltando atrás em suas simpatias e veleidades *bandidas*, e convertido inteiramente às idéias de ordem e de respeito à lei, agora ele é o mais fino caçador de salteadores e, por conseguinte, seu mais temível e encarniçado inimigo.”

(*Petite Presse* de 23 de abril de 1869)

MEDIUNIDADE NO COPO D'ÁGUA E
MEDIUNIDADE CURADORA NA RÚSSIA

Um dos nossos correspondentes de Odessa (Rússia meridional) nos transmite interessantes detalhes sobre a mediunidade vidente por meio do copo d'água. (Vide a *Revista Espírita* dos meses de outubro de 1864 e 1865, e junho de 1868.)

Parece que essa faculdade é muito espalhada em todas as classes da escala social, sendo empregada como meio de adivinhação e de consulta pelos doentes. As pessoas que dela são dotadas vêem, num copo ou numa garrafa d'água, sem qualquer magnetização, imagens que muitas vezes mudam de aspecto.

Eis as informações que nos foram dadas e que o nosso correspondente obteve de uma testemunha ocular e cuja veracidade não pode ser posta em dúvida.

“Um de meus amigos, diz ele, velho coronel reformado, espírita e médium escrevente, a quem informei de minha leitura do artigo de Genebra (número de junho da *Revista Espírita*, 1868), narrou-me o seguinte fato que lhe é pessoal:

“Para evitar qualquer alteração, deixarei falar o meu interlocutor, limitando-me simplesmente a traduzir do russo para o francês:

“Muito tempo antes que se cogitasse de Espiritismo, eu morava em Nicolajeff. A filha do meu cocheiro, menina de doze anos, era idiota e assim permanecia, apesar de todos os meios empregados pelos pais para restituir-lhe a razão.

“Um dia, o pai procurou-me e pediu permissão para chamar uma *ruakbarka* (literalmente: mulher sábia), a qual, segundo lhe asseguravam, podia curar sua filha. Nada tendo a objetar, fizeram vir a *ruakbarka* e eu mesmo fui à cozinha para assistir à sessão.

“A mulher pediu um vaso liso de arenito, encheu-o de água e se pôs a olhar no seu interior, murmurando palavras incompreensíveis.

“Logo ela se voltou para nós dizendo que a menina era incurável, aconselhando-me a olhar no vaso para aí encontrar a prova do que dizia.

“Tomando tudo por uma trapaça, lancei um olhar incrédulo e, para minha estupefação, vi reproduzir-se a imagem da doente, em sua posição habitual, isto é, sentada no chão, as mãos entre as pernas e balançando o corpo como o pêndulo de um relógio. Em frente à menina se postava um horrível cão negro, olhando-a fixamente como se quisesse atirar-se sobre ela.

“Crendo estar sendo enganado por truque bem feito, pus a mão no vaso e agitei a água, o que fez desaparecer a imagem, mas, obviamente, nada encontrando.

“As *ruakbarky* pululam em nossas casas na Rússia; não há uma só aldeia, um só vilarejo que não tenha uma ou várias delas, veneradas ou temidas, conforme os bons ou os maus efeitos que produzem na vizinhança.

“Por vezes elas se ocupam de adivinhação, mas geralmente cuidam dos doentes, sobretudo por meio do *nacheptchivanié* (murmúrio), isto é, ora murmurando preces e fórmulas cabalísticas, ora impondo um dedo ou a mão, ou ambas as mãos sobre a parte doente. Numa palavra, pode-se dizer que há tantas maneiras de curar quantas *ruakbarky*.

“A maioria delas não trata todas as doenças, pois têm especialidades; por vezes os efeitos que produzem são prodigiosos, tanto mais quanto não empregam senão raramente medicamentos substanciais.

“É bem evidente que a essas *ruakbarky*, a várias das quais não se pode recusar uma grande força magnética ou mesmo uma mediunidade de cura, misturam-se charlatães que praticam a mais grosseira superstição, para grande prejuízo moral, físico e pecuniário das pobres criaturas que caem em suas mãos.

“Tendo em vista os efeitos muitas vezes benéficos e por vezes perniciosos que produzem, o povo encara essas *ruakbarky* com um misto de confiança e de temor, que sabem empregar muito bem em seu proveito; mas há os que nada aceitam.

“Os fatos acima, acrescenta o nosso correspondente, concluindo, provam uma vez mais que nem a mediunidade em suas diferentes fases, nem o emprego do magnetismo são invenções novas, mas, bem ao contrário, estão disseminados em toda parte, mesmo onde menos se esperaria encontrá-los; que se passaram nos usos e costumes de quase todos os povos desde a mais alta antiguidade, e que não se trata senão de fazer uma triagem conscienciosa e razoável do verdadeiro e do falso, das leis da Natureza e das práticas supersticiosas, de esclarecer, e não de negar, para congregar em torno da verdadeira doutrina milhões de aderentes, aos quais só falta um ensino racional para serem espíritas, se não de nome, ao menos de fato.

“Se julgardes útil publicar estas linhas, autorizo que aí ponhais o meu nome, pois não se deve temer dizer claramente suas convicções, desde que honestas e leais.

“Aceitai, senhores, a expressão da minha mais alta consideração.”

Gustave Zorn

Negociante em Odessa (Rússia meridional), 24 de agosto de 1869

Observação – Aproveitamos a ocasião para cumprimentar o Sr. Zorn pelo desejo de não ocultar de modo

algum a sua qualidade de espírita. Seria desejável que todos os nossos irmãos de crença tivessem a mesma coragem diante da opinião, pois só teriam a ganhar, bem como a Doutrina, em consideração e dignidade.

Tendo sido lido num grupo espírita de Paris, este interessante relato ensejou a seguinte comunicação:

(Paris, 7 de setembro de 1869)

À medida que vossas relações se estenderem e os espíritas espalhados em todos os centros estudarem os costumes populares de suas localidades, logo reconhecerão que em toda parte os princípios do Espiritismo, por vezes desnaturados mas ainda reconhecíveis, estão profundamente arraigados em todas as crenças primitivas ou tradicionais. Nada aí que possa causar admiração, senão uma prova a mais da realidade do ensino dos Espíritos. Se, no curso dos últimos quinze anos o Espiritismo tomou novo impulso; se, em menos tempo ainda, foi reunido em corpo de doutrina e popularizado no mundo inteiro, não é menos verdade que repousa sobre leis tão antigas quanto a Criação, e que, por conseguinte, sempre regeram as relações entre os homens e os Espíritos.

Desde o paganismo, que não passava da deificação poética das crenças espíritas, e desde antes dos tempos mitológicos, os princípios da filosofia nova, conservados por alguns sábios, transmitiram-se de idade em idade até aos nossos dias, suscitando muitas vezes perseguição e sofrimento contra esses precursores de nossas crenças, mas também burilando seu nome em letras de ouro sobre o grande livro dos benfeitores da Humanidade.

Cada época teve seus missionários e reveladores, cuja linguagem era apropriada ao adiantamento e à inteligência daqueles que deviam esclarecer.

Sob um nome ou outro, o Espiritismo tem dominado desde a origem das sociedades até a época atual; e sejam quais forem as aparências, é ainda ele que preside a todos os movimentos filosóficos dos tempos presentes e que prepara o futuro. Com efeito, o que repelem? uma palavra, uma forma; mas o espírito da Doutrina está em todos os seres verdadeiramente progressistas e, mesmo, talvez nesses pretensos materialistas, reduzidos a divinizar a matéria, porque acham muito pequeno e muito mesquinho o Deus que lhes ensinaram a adorar. De fato, não é mais um Deus pessoal e vingativo que de agora em diante deve presidir à direção das Humanidades. Apaga-se a forma, para não deixar subsistir senão os princípios.

Que importam os obstáculos e as dificuldades do caminho? Marchai corajosamente, obedeci ao impulso de vossas convicções racionais, abandonai aqueles a quem ainda são suficientes os ensinamentos rotineiros, meio desacreditados, de um passado que cada dia se apaga mais, e não vos fixeis em procurar o ser divino senão na lógica, na sabedoria, na inteligência e na benevolência infinitas que surgem a cada passo do estudo da Natureza.

Clélie Duplantier

AS IRMÃS GÊMEAS

No dia 15 de março de 1865, em Cambridge (Massachusetts) nasceram duas gêmeas, filhas do casal Lewis E. Waterman. Somente uma sobreviveu, a quem deram o nome de Rose. Nessa época já tinham duas filhas de quatro anos. O casal acreditava nos ensinamentos da *doutrina ortodoxa*; mas conhecia o *espiritualismo* e o considerava como uma irrisão, particularmente a Sra. Waterman. Se porventura assistia a uma conferência ou a uma sessão, era por motivo de distração.

Antes de falar, a pequena Rose manifestou grande amor pelas flores, afeiçoando-se particularmente pelos botões de rosas; para contentá-la, amarravam em seu peito flores artificiais, que eram substituídas quando perdiam o viço.

Quando Rose começou a andar sozinha, fugia das irmãs e parecia sentir grande prazer em divertir-se sozinha ou com uma *companhia imaginária*, pois seus pais haviam notado que ela sempre estendia a mão para receber um segundo pedaço de maçã ou de bolo, como se quisesse prover às necessidades de uma outra criança.

Começou a falar com dois anos. Certo dia, em que se divertia com sua *companheira invisível*, perguntaram quem é que brincava com ela. “Minha irmãzinha Lily”, respondeu. – “Por que pedis duas maçãs? – Quero uma para Lily.” Quando os visitantes perguntavam seu nome, respondia: “Botão de rosa.” – “É por isto que o trazeis sempre amarrado ao peito? – Não, é para que minha irmãzinha Lily tenha um. – Onde está vossa irmãzinha Lily? – No céu. – Onde é o céu? – Aqui, minha irmãzinha Lily está aqui.”

Muitas perguntas semelhantes foram feitas a esta interessante criança, e suas respostas *eram sempre conformes, implicando a presença de sua pequena Lily*, não só brincando com ela de dia, mas sendo sua colega de cama, pois Rose tomava seu travesseiro nos braços, acariciava-o e o chamava a sua pequena Lily; fazia a descrição desta aos seus pais, dizendo que tinha belos cabelos louros, olhos azuis, um belo vestido e queria que sua mãe lhe fizesse outro semelhante.

Certo dia do mês de janeiro de 1868, encontraram com ela um botão de rosas frescas e perfumadas. Onde o teria conseguido? era um mistério para a família, porque não havia flores semelhantes na casa e não viera ninguém que lhas pudesse ter dado. “Onde conseguistes esta bonita flor? perguntaram-lhe. – Foi minha Lily que ma deu”, respondeu ela. De outras vezes eram

pensamentos que lhe eram dados. Os pais não davam a tais fatos a menor importância, quando um dia alguém falou do espiritualismo e aconselhou o Sr. Waterman a consultar um médium. Tendo seguido o conselho, obteve para si a prova de que Lily não era um ser imaginário, e sim o Espírito de sua irmã, gêmea de Rose. Tendo a Sra. Waterman se tornado médium escrevente, obtiveram, por seu intermédio, comunicações de diversos Espíritos, que lhes deram provas notáveis de identidade, notadamente uma do Espírito Abby, uma tia do Sr. Waterman, com a qual ela havia passado a juventude.

Estas provas, agregadas aos fatos e gestos de Rose com sua pequena Lily, provaram aos esposos Waterman a realidade da comunicação dos Espíritos com os mortais.

Uma manhã Rose trouxe à sua mãe uma mecha de cabelos, dizendo: “Mãe, minha pequena Lily me disse para te dar isto.” A mãe, muito *admirada*, sentiu vontade de escrever e obteve uma comunicação do Espírito da tia do Sr. Waterman, na qual esta dizia que aqueles cabelos eram seus e que logo teriam também os cabelos da pequena Lily. Com efeito, na mesma noite eles encontraram uma mecha na cama de Rose, dourada como jamais tinham visto outra antes.

(Extraído do *Spiritual Magazine* de Londres)

REENCARNAÇÃO – PREEXISTÊNCIA⁴²

Um dos nossos correspondentes houve por bem nos enviar os extratos seguintes do preâmbulo da *História da Revolução Francesa*, de Louis Blanc. Como estão inteiramente conformes aos princípios da filosofia espírita, julgamos um dever comunicá-los aos nossos leitores.

“Mas quê! mesmo quando se debate a pura soberania da idéia, vê-se sangue! sempre sangue! Qual é pois esta lei que, em todo grande progresso tem como consequência algum grande

42 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

desastre? Semelhantes à charrua, as revoluções não fecundam o solo senão dilacerando-o; por quê? Donde vem que o tempo é apenas a destruição que se prolonga e se renova? Donde vem à morte esse poder de fazer germinar a vida, quando, numa sociedade que se desmorona, milhares de indivíduos perecem esmagados sob os seus escombros? Que importa? dizemos nós. A espécie avança lentamente. Mas é justo que raças inteiras sejam atormentadas e aniquiladas, a fim de que um dia, mais tarde, num dado tempo, raças diferentes venham desfrutar dos trabalhos realizados e dos males sofridos? Esta imensa e arbitrária imolação dos seres de ontem pelos de hoje e os de hoje pelos de amanhã não é capaz de sublevar a consciência em suas mais íntimas profundezas? E aos infelizes que caem, degolados perante o altar do progresso, o progresso não parecerá um ídolo sinistro, uma execrável e falsa divindade?

“Há que convir que estas seriam questões terríveis, se, para as resolver, não existissem estas duas crenças: *Solidariedade das raças, imortalidade do gênero humano*. Porque, quando se admite que tudo se transforma e que nada se destrói; quando se crê na impotência da morte; quando se está convencido de que as gerações sucessivas são modos variáveis de uma mesma vida universal que, em se melhorando, continua; quando, enfim, se adota esta admirável definição que o gênio de Pascal deixou escapar: “*A Humanidade é um homem que vive sempre e que aprende incessantemente*”, então o espetáculo de tantas catástrofes acumuladas perde o que tinha de aflitivo para a consciência; não se duvida mais da sabedoria das leis gerais, da eterna justiça; e, sem empalidecer, sem se humilhar, seguem-se os períodos desta longa e dolorosa gestação da verdade, que se chama História.”

CARTAS DE MAQUIAVEL AO SR. GIRARDIN

De algum tempo para cá, o jornal *Liberté* vem publicando, assinados pelo Sr. Aimé Dolfus, uma série de artigos

políticos sob a rubrica de: *Cartas de Maquiavel ao Sr. Girardin*⁴³, cujo espírito não nos compete analisar. Mas reconhecemos com viva satisfação que se os redatores do *Liberté* não são espíritas, são bastante hábeis para se servirem dos princípios do Espiritismo que possam interessar aos seus leitores. Certamente não se deve ver nessas cartas mais que uma forma, um produto da imaginação apropriado pelo autor às circunstâncias atuais. Nosso quadro e o objeto especial dos nossos estudos só nos obriga a reproduzir a seguinte passagem, que publicamos sem qualquer comentário, enviando nossos leitores, para mais amplos detalhes, à apreciação que delas fez o Sr. Allan Kardec, na comunicação intitulada: *O Espiritismo e a literatura contemporânea*. Citamos textualmente:

“Entre os poucos homens de vossa geração, que melhor souberam captar e assimilar minhas idéias, pôr em prática as minhas doutrinas, abandonar a política da paixão pela da conciliação, desprezar as formas governamentais para se fixarem no fundo das coisas, existe um cuja vida pública parece uma página isolada da história do meu tempo.

“Ele é meu contemporâneo quase tanto quanto vosso; é vosso amigo como foi meu amigo. Pela segunda vez permite-se uma missão de pacificação, representando um papel moderador cujo alcance e grandeza o século dezenove não parece adivinhar melhor do que os partidos do século dezesseis. Ele já tinha tentado, no tempo dos Médicis, o que acaba de tentar, com mais sucesso, sob os Napoleões. Antes de utilizar o nome que conheceis, senhor, e que não preciso escrever, ele se chamava François Guichardin.

“Historiador e homem de Estado em sua primeira encarnação, revelou-se, na segunda, orador de primeira ordem. Essas duas personalidades têm tantos pontos de contacto que creio poder confundi-las numa só.”

Liberté (4 de setembro de 1869)

43 Vide o jornal *Liberté*, números de 31 de agosto, 2 e 4 de setembro.

Correspondência

Aos numerosos testemunhos de simpatia pela Sra. Allan Kardec e de garantias de adesão que temos recebido dos nossos correspondentes da França e dos países vizinhos, a propósito da morte do Sr. Allan Kardec, vêm juntar-se hoje as homenagens prestadas à memória do nosso venerado mestre pelos espíritas dos centros de além-mar.

Julgamos um dever pôr sob os olhos dos nossos leitores alguns extratos dessas cartas, bem como as adesões das sociedades de Rouen e de Saint-Aignan à constituição da Sociedade Anônima.

Um dos nossos correspondentes de São Petersburgo (Rússia), o sr. Henri Stecki, autor do *Espiritismo na Bíblia* (*Revista Espírita*, novembro de 1868), adere igualmente, e da mais absoluta maneira, à nova organização. Desejoso de concorrer pessoalmente para a vulgarização universal de nossos princípios, o Sr. Henri Stecki quer consagrar o produto integral da venda de sua interessante obra à alimentação do fundo de reserva da caixa geral. Pedimos-lhe aceitar, em nome do Espiritismo e dos espíritas do mundo inteiro, nossas calorosas felicitações e vivos agradecimentos.

Todos esses testemunhos provam de sobra que, segundo nossas mais íntimas convicções, o Espiritismo reunirá num futuro próximo, sem distinção de casta, nem de nacionalidade, os homens sinceramente devotados aos verdadeiros interesses e à regeneração da Humanidade⁴⁴.

44 No momento de levar ao prelo, recebemos do Grupo de Montauban (Tarn-et-Garonne) uma carta de adesão, da qual falaremos em nosso próximo número.

Saint-Denis (Réunion), 30 de julho de 1869.

Sr. Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Senhor,

É dos confins do mundo que chega esta carta. Mas, por mais afastado que eu esteja dos meus irmãos em doutrina e da subscrição que abristes tão fraternalmente para permitir aos espíritas do mundo inteiro cumprir um dever de reconhecimento para com o nosso bom e saudoso mestre Allan Kardec, guardo a esperança de que não chegarei muito tarde para depositar minha oferta entre vossas mãos e ser incluído no número dos que têm a honra e a glória de erigir um monumento fúnebre à memória do homem de bem que devotou toda a sua existência à felicidade da Humanidade, e que triunfou de modo tão completo em levar a esperança e o amor a tantos corações.

Para este efeito, encarrego meu correspondente de Paris a vos entregar a soma de 50 francos.

Recebei, etc.

A. M.

Port-Louis, 1º de julho de 1869.

Ao Sr. Presidente da Sociedade Espírita de Paris.

Senhor,

É com sentimento de penosa surpresa que recebemos vossa circular de 1º de abril de 1869, participando-nos a morte súbita de nosso bem-amado mestre e venerado instrutor, o Sr. Allan Kardec.

A primeira impressão, dando lugar à reflexão, levou-nos a constatar que nada se faz inutilmente no mundo, e que tudo deve seguir a lei do progresso.

Nosso bem-amado mestre há muito nos ensinou a compreender isto, pois que nos disse, pela epígrafe da *Revista* “*Todo efeito tem uma causa; todo efeito inteligente tem uma causa inteligente; o poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*” Sua morte, nas circunstâncias que a precederam e seguiram, contribuirá, estamos certos, para impor silêncio aos caluniadores, surpreender os ignorantes e levar os retardatários do mundo civilizado a estudar, ver, compreender e progredir.

Se estamos bem convictos dos sólidos princípios da doutrina que o Sr. Allan Kardec implantou nos nossos corações e nos nossos espíritos, devemos compreender, melhor que os outros, que o movimento transitório que se opera neste momento é o prelúdio da era nova que deve regenerar o mundo num futuro próximo; e todos os grandes Espíritos que emigram agora, devem ser, em nossa opinião, os messias que virão conduzir a Humanidade à sua mais bela transformação.

Que Espírito, melhor do que o do Sr. Allan Kardec, poderá tomar parte mais ativa nesse belo resultado? Que homem, durante sua existência corporal, desde 1869 se consagrou a instruir de maneira mais sólida maior número de irmãos nos princípios humanitários?

Que conquistador em nosso globo, que poeta, que autor de invenção útil contribuiu para o sucesso de suas conquistas, pelo encanto de sua poesia ou pela potência de sua invenção para fazer mais pessoas felizes na Terra, em doze anos de trabalhos contínuos, do que fez o Sr. Allan Kardec?

Que homem empreendeu, perseguiu e completou um trabalho mais progressivo e mais moralizador do que o legado pelo Sr. Allan Kardec, fazendo-nos compreender por seu exemplo que sempre se deve deixar a porta aberta, a qualquer hora, em qualquer época, ao progresso transitório, que tende para a perfeição relativa?

Hoje, para todos nós, é um dever absoluto acolher com zelo vosso fraternal apelo e trazer, de todos os pontos do globo terrestre, o frágil contributo que, isoladamente, é devido por todo irmão espírita ao centro que é o cadinho no qual todas as harmonias espíritas virão depurar-se.

Tenho a honra, etc.

Ch. L. L..

Saint-Aignan, 16 de setembro de 1869.

Senhores membros do comitê da Caixa Geral e Central do Espiritismo, em Paris.

Senhores,

Os membros do grupo espírita de Saint-Aignan, perto de Rouen, depois de tomarem conhecimento dos estatutos da Sociedade Anônima do Espiritismo, têm a honra de felicitar os fundadores de uma organização que assegura definitivamente a estabilidade de nossos princípios no porvir.

Os espíritas de Saint-Aignan são pouco numerosos e pouco afortunados, mas são dos que mais ganharam pelo estudo da Doutrina, pois nela encontraram a força para suportar as provas muitas vezes cruéis da vida, bem como a esperança de conquistar a felicidade futura, por sua paciência e submissão à vontade de Deus.

Tendo recebido muito, não temem dar pouco, lembrados que estão de que o óbolo da viúva vale mais diante de Deus do que a prodigalidade do rico; mas, se os seus recursos materiais são módicos, mesmo assim esperam concorrer ativa e efetivamente para a vulgarização de suas crenças, fazendo apreciar a sua justiça e a sua lógica àqueles que os cercam, transmitindo-lhes a coragem e a confiança que nelas hauriram.

Nossa modesta subscrição totaliza 27 francos.

Quereis aceitar, senhores, a segurança de nossa fraterna simpatia.

Por todos os membros do grupo.

J. Chevalier – *Presidente*

Tisserand à Saint-Aignan, perto de Rouen (Seine-Inférieure)

Rouen, 29 de agosto de 1869.

Aos senhores membros do comitê da Caixa Geral e Central do Espiritismo, em Paris.

Senhores,

Os membros da Sociedade Espírita de Rouen, reunidos em sessão no dia 29 de agosto de 1869 (domingo), depois de ter estudado com o maior cuidado os extratos dos estatutos da Sociedade Anônima do Espiritismo, publicados no número de agosto da *Revista Espírita*, tendo reconhecido a utilidade dessa organização e apreciando a estabilidade que a Doutrina conquistará em consequência das disposições que lhe asseguram uma existência legal e independente, decidiram o seguinte:

1^o – Enviar felicitações aos membros fundadores da nova Sociedade, cujo devotamento e desinteresse apreciam;

2^o – Aprovar os artigos dos estatutos concernentes à maneira de alimentar o fundo de reserva e aderir da mais absoluta maneira à transferência feita à Caixa Geral dos 1.000 francos provenientes da subscrição da Sociedade de Rouen, para o desenvolvimento progressivo dos princípios de nossa consoladora filosofia.

A Sociedade de Rouen deve, antes de tudo, prover à sua existência; seus meios de ação são limitados, mas toda vez que as circunstâncias e recursos lho permitirem, dará seu apoio material e seu assentimento moral às disposições tomadas pela Sociedade Anônima, para assegurar a vitalidade e a expansão do Espiritismo no futuro.

(Extrato do registro da ata da sessão de 29 de agosto de 1869)
(Seguem as assinaturas dos principais membros)

Dissertações Espíritas

O ESPIRITISMO E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA

(Paris, 14 de setembro de 1869)

O Espiritismo é, por sua própria natureza, modesto e pouco ruidoso. Ele existe pelo poder da verdade, e não pelo barulho feito em seu redor por seus adversários e partidários. Utopia ou sonho de uma imaginação desordenada, após um breve sucesso ele teria caído sob a conspiração do silêncio, ou melhor ainda, sob a do ridículo que, segundo se pretende, tudo destrói na França. Mas o silêncio não aniquila senão as obras sem consistência e o ridículo só mata o que é mortal. Se o Espiritismo sobreviveu, embora nada tenha feito para escapar às ciladas de toda natureza que lhe armaram, é porque não é obra de um homem, nem de um partido, mas o resultado da observação dos fatos e da coordenação metódica das leis universais. Supondo-se que os seus adeptos humanos desapareçam, que as obras que o erigiram em corpo de doutrina sejam destruídas, ele ainda sobreviveria por tão longo tempo quanto a existência dos mundos e das leis que os regem.

Alguém é materialista, católico, muçulmano ou livre-pensador por sua vontade ou sua convicção; mas basta existir, se não para ser espírita, ao menos para estar sujeito ao Espiritismo.

Pensar, refletir, viver, são, efetivamente, atos espíritas, e por estranha que pareça esta pretensão, ela prontamente se justifica após alguns minutos de exame por aqueles que admitem *uma alma, um corpo e um intermediário entre essa alma e esse corpo*; pelos que, como Pascal e Louis Blanc, consideram a Humanidade *como um homem que vive sempre e aprende sem cessar*; pelos que, como o *Liberté*, admitem que um homem possa viver sucessivamente em dois séculos diferentes e exercer sobre as instituições e a filosofia de seu tempo uma influência da mesma natureza.

Quer se esteja convicto ou não, pensar, ouvir a voz interior da meditação, não é praticar um ato espírita, se realmente existem Espíritos? Viver, isto é, respirar, não é fazer o corpo sentir uma impressão que se transmite ao Espírito por meio do perispírito? Admitir esses três princípios constitutivos do ser humano é admitir uma das bases fundamentais da Doutrina, é ser espírita ou pelo menos ter um ponto de contato com o Espiritismo, uma crença comum com os espíritas.

Entrai para o nosso meio abertamente ou pela porta oculta, senhores sábios, isso pouco importa, desde que entreis. A Doutrina vos penetra desde agora e, como a mancha de óleo, estende-se e cresce sem cessar. Vós sois dos nossos, porque a ciência humana entra a todo vapor nos domínios da filosofia e a filosofia espírita admite todas as conclusões racionais da Ciência. Sobre esse terreno comum, quer aceiteis ou não, quer deis às vossas concessões um nome qualquer, estareis conosco e a forma não nos importa, se o fundo é o mesmo.

Estais bem perto de crer e sobretudo de vos convencer, senhor de Girardin, que achastes conveniente tomar do Espiritismo suas palavras, suas formas e seus princípios fundamentais, para cativar os vossos leitores! E vós todos, poetas, romancistas, literatos, não sois um pouco espíritas, quando vossos personagens sonham com um passado que jamais conheceram,

quando reconhecem lugares que jamais visitaram, quando a simpatia ou a aversão surgem entre eles ao primeiro contato? Sem dúvida fazeis Espiritismo, como os cenógrafos fazem as peças teatrais; para vós, talvez, ele seja um ardil, uma encenação, um quadro. Que nos importa! Não deixais de popularizar menos os ensinamentos que encontram eco em toda parte, porque muitos pressentem, sem poder definir, esses princípios de convicção sobre os quais as vossas penas sábias ou poéticas lançam a luz da evidência. O Espiritismo é uma fonte fecunda, senhores! É o inexaurível Golconda que enriquece o espírito e o coração dos escritores que exploram e dos que lêem as suas produções! Obrigado, senhores! sois nossos aliados, sem querer, talvez sem saber, mas nós vos deixamos o julgamento de vossas intenções, para só apreciarmos os resultados.

Lamentava-se a penúria dos instrumentos de convicções; o número de médiuns diminuía; seu zelo esfriava; mas agora, não é o poeta da moda, o literato cujas obras se disputam, o sábio encarregado de esclarecer as inteligências, os que popularizam e propagam por toda parte a nova convicção?

Ah! não temais pelo futuro do Espiritismo! Criança, ele escapou de todos os cercos do inimigo; adolescente, e adotado por bem ou por mal pela Ciência e pela literatura, não deixará a sua marcha invasora senão quando houver inscrito em todos os corações os princípios regeneradores que restabelecerão a paz e a harmonia por toda parte onde ainda reinam a desordem e as dissensões intestinas.

Allan Kardec

A CARIDADE

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de julho de 1869 – Médiun: Sr. Leymarie)

Caridade! Essa palavra existe desde o começo da Humanidade. A partir do dia em que o homem estendeu a mão a

outro homem, ele praticou um ato de caridade, e desde esse tempo desconhecido quantos fatos, quantos exemplos vivazes deste pensamento profundo da consciência humana! Exemplos de caridade têm sido relatados pelos historiadores e moralistas em obras presentes na memória de todos.

Mas o que eu realmente queria que amásseis, senhores, é essa caridade do coração verdadeiramente espírita, não interessando o processo, a maneira de fazer e as distinções sutis.

Como é doce dar alguma coisa! Jamais a mão direita deve ver o que faz a mão esquerda!

Caros espíritas, irmãos amados, aliviiai os vossos semelhantes sem prevenção; dai aos que sofrem, aos que esperam; a essas mães, a essas crianças abandonadas, a todos os deserdados e fareis uma obra verdadeira.

Mas tudo isso não passa da caridade banal, que todos os homens praticam, seja qual for a crença a que pertençam. O espírita deve ver mais longe; pelo estudo e pela intenção o espírita deve sondar essas dores ocultas, vergonhosas, dolorosas que corroem tantas naturezas belas e excelentes, tantos mártires do dever, da consciência, tantos degredados da provação humana, condenados, por suas faltas anteriores, a se purificarem de toda uma existência de infrações ignoradas. Ah! para estes tende coração, atenções delicadas, palavras consoladoras; partilhai com esses corajosos da vida que lutam secretamente contra a força irritada, mas justa, que os fere sem cessar.

Vede esses párias de frente inspirada; uns são verdadeiros trapos, feridos e arruinados qual navio em perigo; outros vêem fugir todas as afeições: mulher, filhos bem-amados, casa laboriosamente edificada, tudo desaparece! Aquele outro é a doença que o fere ou atinge os seus; tortura incessante, inferno da

vida, onde a esperança parece fugir diante das dores que voltam sem parar.

Sim, sondai habilmente as chagas de todos esses deserdados, ide a eles; consolai, dai o vosso coração, vossa bolsa, vossa mão, vosso apoio, pois o mérito da caridade espírita é saber procurar delicadamente; eis aí a obra escolhida e o sentido íntimo da epígrafe querida do mestre: *“Fora da caridade não há salvação.”*

Quatro palavras devem ser a base da língua espírita: *perdão, amor, solidariedade, caridade.*

Bernard

Poesias Espíritas

AS LUNETAS

(Fábula)

De ouro, púrpura e opala, os grandes refletores,
 A refletir do dia o seu declínio em cores,
 Deixava pensativo o camponês Simão;
 Em seus olhos assim uma lágrima brilha.
 Esse imenso clarão na alma dele fervilha
 E um profundo sentir lhe invade o coração.
 Simão não é um homem de ciência,
 Não conhece a matéria e as mecânicas leis;
 Mas tem mais em bom-senso; ele tem consciência;
 Ele é inteligente e modesto por vez.
 No fervor de seu devancio,

Tais nomes murmurava: Alma, Deus, Criador,
 Quando um riso de alguém com deboche lhe veio,
 Surgiu ao lado seu. Quem era o zombador?
 Era o senhor seu filho!... Um moço imberbe ainda,
 Mas *diplomado* já... que de sábio se guinda.
 – Menino, eu admiro o esplendor

Desse harmônico quadro, tão grandioso,
Vejo em meu coração, creio com amor.
– E o filho co'ironia, exaltado e vaidoso:
Vós vedes, o dizeis, e credes... está bem!
Quanto a mim nada vejo e nada de mais tem.
– Com chistes ou graças velhacas,
Opinoso e insistente em se dando razão,
O jovem bacharel olhava o espaço então,
Com suas lunetas opacas.

Sabedores materialistas,
De pretensiosos tais vós pertenceis as listas,
Vossas demonstrações falíveis, incompletas,
Não estão nas vossas lunetas?

Dobre

Bibliografia

NOVOS JORNAIS ESTRANGEIROS

Swiarto Zagrowe (*Luç de Além-Túmulo*) – Jornal espírita mensal, publicado em caderno de 16 páginas in-octavo, em Leopold (Galícia austríaca); redator-gerente: W. Letronne.

Condições de assinatura por ano: Galícia austríaca: 10 fr.
– Províncias austríacas limítrofes: 11 fr. – Países estrangeiros: 12 fr.

O Eco de Além-Túmulo, monitor do Espiritismo no Brasil, publicado mensalmente na Bahia, em língua portuguesa, em cadernos de 60 páginas in-octavo, sob a direção do Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes, membro do Instituto Histórico da Bahia.

Condições de assinatura por ano:

Bahia	9.000 réis
Províncias brasileiras	11.000 réis

Estrangeiro 12.000 réis
Bahia – *Largo do Desterro*, 2.

Estatuto da Sociedade Anônima do Espiritismo – Brochura in-8. – Preço: 1 fr. Paris; administração da Sociedade anônima, 7, rue de Lille.

Aviso

Para satisfazer ao desejo expresso por certo número de nossos assinantes, publicamos abaixo o modelo de subscrição das cartas a serem dirigidas à Sociedade Anônima. A forma seguinte nos pareceu preencher todas as condições desejáveis para garantir a chegada das correspondências ao destino e evitar qualquer designação pessoal.

À

Sociedade Anônima do Espiritismo

7, rue de Lille

Paris

Observação – Lembramos que, para reduzir os trâmites e perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas dirigidas à Sociedade deverão ser feitos ao Sr. Bittard, encarregado especialmente dos recebimentos, sob a supervisão do comitê de administração da Sociedade.

Prevenimos os nossos correspondentes que a *Livraria Espírita* pode fornecer-lhes, contra um vale postal e sem aumento de preço, todas as obras existentes na livraria. Para o estrangeiro adicionar as taxas de correio.

Pelo Comitê de Administração
A. Desliens – *Secretário-Gerente*